

A mídia e os padrões alimentares na infância

The media and food patterns in childhood

Los médios y los patrones alimentarios en la infancia

Recebido: 18/05/2022 | Revisado: 09/06/2022 | Aceito: 11/06/2022 | Publicado: 13/06/2022

Niágara Vieira Soares Cunha

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1908-7997>

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Brasil

E-mail: niagara_vieira@gmail.com

Iandra Karla Silva Cavalcante

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5085-1098>

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Brasil

E-mail: iandrak21@hotmail.com

Resumo

É evidente que a alimentação está diretamente relacionada ao contexto social e cultural no qual vivemos, que fazem com que esses fatores norteiem os padrões alimentares, desde o preço dos alimentos, como questões religiosas e até influência da publicidade e da mídia, que têm grande poder de prender atenção das pessoas, sobretudo das crianças. Dessa maneira, o objetivo geral da pesquisa foi analisar a relação da mídia com os padrões alimentares na infância e sua influência sobre a saúde infantil. Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica com utilização do Estado da Questão, com a busca de material bibliográfico nas bases de dados SCIELO, BDTD e Portal de Periódicos Capes. O estudo evidencia que os alimentos divulgados nos meios de comunicação são bem aceitos por serem atrativos e saborosos, mas são em sua maioria ultra processados e estimulam práticas alimentares inadequadas e insuficientes, que são fatores de risco para deficiências nutricionais, enquanto padrões alimentares excessivos podem gerar sobrepeso, obesidade e demais doenças, como as DCNTs. Conclui-se que, estratégias devem ser tomadas para ajudar na redução de atitudes prejudiciais à saúde como maneira de garantia do direito a uma alimentação equilibrada, controlando o marketing de alimentos destinados ao público infantil, como a regulamentação da publicidade de alimentos e a adoção de ações de educação nutricional nas escolas, protegendo as crianças, com o intuito de prevenir problemas de saúde a curto e longo prazo.

Palavras-chave: Ensino em saúde; Mídias; Hábitos alimentares; Infância.

Abstract

It is evident that food is directly related to the social and cultural context in which we live, which make these factors guide food patterns, from the price of food, such as religious issues and even the influence of advertising and the media, which have great power. to grab people's attention, especially children. In this way, the general objective of the research was to analyze the relationship of the media with childhood eating patterns and their influence on children's health. This is a bibliographic review research using the State of the Question, with the search for bibliographic material in the SCIELO, BDTD and Capes Periodicals Portal. The study shows that the foods published in the media are well accepted because they are attractive and tasty, but they are mostly ultra-processed and stimulate inadequate and insufficient food practices, which are risk factors for nutritional deficiencies, while excessive dietary patterns can generate overweight, obesity and other diseases, such as CNCDS. It is concluded that strategies must be taken to help reduce attitudes harmful to health as a way of guaranteeing the right to a balanced diet, controlling the marketing of food intended for children, such as the regulation of food advertising and the adoption of nutritional education actions in schools, protecting children, with the aim of preventing health problems in the short and long term.

Keywords: Health teaching; Eating habits; Childhood.

Resumen

Es evidente que la alimentación está directamente relacionada con el contexto social y cultural en el que vivimos, lo que hace que estos factores guíen los patrones alimentarios, desde el precio de los alimentos, pasando por cuestiones religiosas e incluso la influencia de la publicidad y los medios de comunicación, que tienen gran poder para captar la atención de la gente, especialmente de los niños. De esta forma, el objetivo general de la investigación fue analizar la relación de los medios de comunicación con los hábitos alimentarios infantiles y su influencia en la salud infantil. Se trata de una investigación de revisión bibliográfica utilizando el Estado de la Cuestión, con búsqueda de material bibliográfico en el Portal de Periódicos SCIELO, BDTD y Capes. El estudio muestra que los alimentos publicados en los medios tienen buena aceptación porque son atractivos y sabrosos, pero en su mayoría son ultraprocesados y estimulan prácticas alimentarias inadecuadas e insuficientes, que son factores de riesgo para las deficiencias nutricionales, mientras que patrones dietéticos excesivos pueden generar sobrepeso, obesidad y otras enfermedades,

como las ECNT. Se concluye que se deben tomar estrategias que ayuden a reducir las actitudes nocivas para la salud como forma de garantizar el derecho a una alimentación equilibrada, controlando la comercialización de alimentos destinados a los niños, como la regulación de la publicidad de alimentos y la adopción de acciones de educación nutricional. en las escuelas, protegiendo a los niños, con el objetivo de prevenir problemas de salud a corto y largo plazo.

Palabras clave: Enseñanza en salud; Medios de comunicación; Hábitos alimenticios; Infância.

1. Introdução

Com o passar dos anos, tornou-se mais comum encontrar pessoas acometidas com problemas de saúde relacionados a Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs) como, problemas cardiovasculares, hipertensão arterial, diabetes, cânceres e obesidade. Assim, a Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta a obesidade como um dos dez principais problemas de saúde pública do mundo, a qual é definida pela quantidade excessiva de gordura pelo corpo, fruto de um superávit calórico, que se dá quando se consome mais calorias do que o corpo precisa (Marins, 2011). Pode-se dizer que o aumento das DCNTs é reflexo das modificações dos padrões de saúde, que estão ligados às condições sociais, demográficas, econômicas e ambientais, além de associadas a um estilo de vida mais sedentário e mudanças do comportamento alimentar (Ferreira, 2015).

Segundo Marins (2011), com o avanço da modernidade, através da industrialização e urbanização, o estilo de vida do homem se transformou e, atrelado a isso, o padrão alimentar também se modificou adaptando à nova realidade, na qual houve uma redução de esforços físicos, seja para trabalhar, como também para obtenção de alimentos, acompanhado pelo aumento da produção e consumo de alimentos industrializados.

Concomitante ao fato exposto, as mulheres começam a trabalhar fora de casa, reduzindo o tempo de preparo dos alimentos, pois são culturalmente responsáveis por grande parte das atividades domésticas. Com sua inserção no mercado de trabalho, acabam optando por algo que demande menor tempo para preparação dos alimentos, ou seja, recorrendo aos alimentos processados, acarretando mudanças nos hábitos alimentares de toda família (Lelis *et al.*, 2012).

Essas transformações exigiram uma adaptação às novas condições de vida, seja por conta da sobrecarga de trabalho; redução de tempo para preparar seus alimentos; pela falta de prática de exercícios físicos, por questões financeiras, substituindo a alimentação baseada em recursos naturais pelos alimentos industrializados, ou talvez por ser uma alternativa mais fácil e rápida (Fonseca, 2017).

As comidas pré-prontas e prontas, ofertadas pela indústria alimentícia, fornecem aos seus consumidores a ingestão de grandes quantidades de açúcares e gorduras, altas quantidades de sódio, corantes e entre outros, sem valor nutricional e, conseqüentemente, não suprem as necessidades diárias de vitaminas, tornando-se mais vulnerável ao desencadeamento das DCNTs (Ueda, 2010).

Atualmente, não são apenas os adultos que sofrem com o sobrepeso, DCNTs, sedentarismo e outros problemas relacionados à má alimentação. As crianças estão cada vez mais sendo atingidas pela obesidade. Segundo a OMS, cerca de 42 milhões de crianças menores de cinco anos estão com sobrepeso (Marins, 2011).

Para Fonseca (2017), a prevalência de problemas relacionados à ingestão dietética das crianças indica que o consumo alimentar infantil tem sido caracterizado pelo excesso de alimentos considerados não saudáveis, como os ultraprocessados, biscoitos, salgadinhos, bebidas açucaradas, macarrão instantâneo e a diminuição de ingestão de frutas, legumes e hortaliças.

A infância é o período no qual os hábitos alimentares se constroem e geram impactos para a vida adulta. Logo, é importante que a prática alimentar seja saudável desde a infância. Contudo, é evidente que a alimentação está diretamente relacionada ao contexto social e cultural no qual vivemos, que fazem com que esses fatores norteiem os padrões alimentares, desde o preço dos alimentos, como questões religiosas e até influência da publicidade e da mídia (Spaniol, 2014).

Com o passar do tempo, na medida em que a criança vai crescendo e se desenvolvendo, os seus hábitos ficam mais enraizados e menos suscetíveis a mudanças, o estilo de alimentação e a prática de atividade física construídos até então, tendem a continuar na vida adulta, além disso, a criança se torna mais vulnerável a influências externas, principalmente das mídias (Silva, 2011).

As crianças estão, precocemente, cada vez mais com acesso às tecnologias, e a forma inadequada de uso dessas ferramentas podem comprometer o seu desenvolvimento social, cognitivo e afetivo. Nestas mídias, elas estão expostas a publicidades que contam com técnicas persuasivas e apelativas para atingir principalmente o público infantil, exercendo um intenso controle sobre o seu comportamento (Souza, 2014).

Além de coagir o público infantil a se interessar por brinquedos, roupas, acessórios, muitas são as propagandas de alimentos industrializados, que são prejudiciais à saúde, pois estimulam padrões não saudáveis, fazendo associação dos produtos com o universo infantil, através das cores, músicas, personagens para atrair uma maior atenção.

A partir dessas evidências, Silva (2018) afirma que, nos últimos anos a preocupação tanto pela sociedade civil quanto pelos profissionais da área da saúde, no que se refere à publicidade de alimentos na saúde da criança, é que a regulamentação das propagandas de alimentos, principalmente quando se destina ao público infantil, se torna uma medida de promoção da alimentação saudável e de cuidados com desencadeamento das DCNTs.

Diante dessa realidade, onde as crianças estão sendo acometidas prematuramente com as DCNTs, fruto de uma cultura que cada vez mais estimula o consumo e a necessidade de alimentos industrializados e ultraprocessados, fazendo-os acreditar que são de qualidade, saudáveis e aceitos socialmente, é indispensável a realização de estudos que analisem os principais motivos que desencadeiam o desenvolvimento das DCNTs na infância com o propósito de buscar meios de cuidados e precauções que atenuem o aparecimento dessas doenças.

Os resultados deste estudo poderão contribuir, no cenário de pesquisa, com a ampliação das discussões que cercam a temática, através da conscientização sobre alimentação saudável e adequada como um direito à saúde, além de se apropriarem sobre o papel das mídias e suas implicações ao tema, como também, colaborar com a percepção do desenvolvimento de melhores políticas públicas de saúde focadas na alimentação infantil.

Portanto, é de extrema importância analisar a relação da mídia com os padrões alimentares na infância, como um fenômeno determinante de influências sobre alimentação e saúde infantil, os quais podem estar associados, intimamente, com o aumento de DCNTs.

Neste contexto, para atender ao objetivo geral deste estudo, expresso acima, destacamos alguns específicos que nos conduzirão nesse processo, são eles: verificar a associação das DCNTs na infância e os fatores determinantes com padrões midiáticos alimentares e o sedentarismo; investigar quais DCNTs estão mais presentes na infância; por último, verificar a relação dos fenômenos determinantes de influência sobre a alimentação na infância com o aumento das DCNTs.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica com utilização do Estado da Questão que trará a representação do fenômeno em pesquisas nacionais. O estado da questão tem como objetivo induzir o pesquisador, a partir do levantamento bibliográfico, a definir um objeto específico de investigação e verificar as publicações sobre o mesmo, e fazer uma discussão com os principais aspectos encontrados.

Conforme determina Silvia e Jacques Therrier (2004), ao explicarem que a finalidade do estado da questão é de levar o pesquisador a registrar, após uma pesquisa bibliográfica, como se acha o tema ou o objeto de estudo no estado atual da ciência. Consiste no momento que resulta na definição do objeto específico de investigação, dos objetivos da pesquisa, ou seja, da delimitação do problema específico de pesquisa.

A abordagem é de cunho qualitativo, que segundo Bardin (1997 *apud* Cavalcante *et al.*, 2014, p.14), consiste em obter um saber que está além da superfície textual “[...] se caracteriza por ser capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais”.

A pesquisa qualitativa compreende um conjunto de práticas interpretativas, que visa a obtenção de dados descritivos de processos interativos que se realiza por meio do contato direto do pesquisador com o objeto de estudo, sendo que o entendimento dos fenômenos acontece segundo a perspectiva dos sujeitos participantes (Paschoarelli *et al.*, 2015).

O referente trabalho cumpriu com uma primeira etapa de pesquisa bibliográfica que buscou estudos para o atendimento do objeto de pesquisa, elegendo as bases de dados eletrônicas: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal de Periódicos CAPES.

Para esta pesquisa foi realizada a busca do material científico entre artigos, teses e dissertações com os seguintes descritores: alimentação, infância, doenças crônicas, mídias e obesidade infantil. Na base de dados SciELO foram encontradas 59 publicações, na BDTD foram 31 e no periódico CAPES foram 664, totalizando 773 publicações.

Aplicou-se critérios de inclusão e exclusão que possibilitaram uma aproximação mais precisa com o objeto de pesquisa, como: publicações revisadas por pares, especificamente, nas bases de dados SCIELO e Periódicos CAPES, além de serem estudos brasileiros, pois desejamos verificar a realidade deste fenômeno no Brasil. Realizados todos os filtros, restaram, no SciELO 59 publicações, na BDTD 30 estudos e no Portal de Periódicos CAPES, 39 publicações. Com isso, contabilizamos 128 trabalhos para a próxima etapa dos filtros, através da leitura dos títulos e resumos, excluindo aqueles que não tinham relação com o objetivo proposto, que após leitura excluiu 80 publicações, finalizando com 48 estudos para serem utilizados como Estado da Questão deste trabalho.

A organização do Estado da Questão se deu através da busca pelo atendimento do objeto de pesquisa. Então, na primeira etapa utilizamos dos 48 estudos, 10 estudos para desenvolver a temática: formação das práticas alimentares como uma construção social.

Na segunda etapa do Estado da Questão serviu para atender às demais questões desta pesquisa, são elas: associação das DCNTs na infância com padrões midiáticos alimentares, o sedentarismo, e as DCNTs mais presentes na infância. Esta etapa foi elaborada no processo de pesquisa.

A análise de conteúdo foi a técnica escolhida para a realização da pesquisa, que consiste em várias etapas que objetivam descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de textos. Esta técnica permite a descrição das mensagens e das atitudes referentes ao contexto da enunciação e também as inferências sobre os dados coletados (Cavalcante *et al.*, 2014).

Nesta pesquisa, todos os aspectos éticos foram respeitados, na medida em que todas as publicações utilizadas são referenciadas com seus autores responsáveis.

3. A Formação das Práticas Alimentares como uma Construção Social

Para desenvolvimento deste capítulo, utilizamos como referência os estudos dos seguintes autores: Vigotsky (2007) Marins (2011), Silva (2018), Ueda (2010), Spaniol (2014), Ceccatto (2016), Souza (2019), Souza (2014), Martins (2015) e Lelis *et al.* (2012). Neste capítulo, abordaremos os aspectos sociais e sua influência na formação dos hábitos alimentares.

Vigotsky (2007) apresenta em seus estudos, que as faculdades mentais e o processo de formação de conceitos se desenvolvem na infância, a partir da interação com os outros e com o meio.

Dessa forma, Marins (2011) complementa ainda, afirmando que o desenvolvimento ao longo do ciclo vital é determinado pela interação entre as características individuais, herdadas geneticamente, e o ambiente ao qual a criança está exposta, com isso ele cita como exemplo o ambiente familiar e o das creches e escolas, onde neles as crianças, os pais, os

professores, se relacionam e interagem constituindo os processos proximais, nos quais as crianças têm mais chance e possibilidades de se desenvolver.

Dentro do quesito, desenvolvimento humano e sua relação com a produção histórico-cultural, a formação das práticas alimentares é fortemente afetada pela interação e construção sociocultural e se constituem também como um ato social (Martins, 2015).

Aproxima-se, assim, da compreensão que os hábitos alimentares são formados ainda na infância e que repercutem na vida adulta. Estes costumes alimentares começam no ambiente familiar, no qual a criança pode reproduzir o comportamento alimentar dos pais, como esses hábitos se estendem a todas as relações sociais e culturais vivenciadas pela criança. Conforme a criança vaicrescendo, acessando outros ambientes, como escola, parques, mercado e as mídias, ela descobre novos alimentos que muitas vezes não são saudáveis.

Neste sentido, Ueda (2010) explica que a alimentação tem função de sobrevivência da espécie, e se constitui como um ato de relacionamento do indivíduo com o mundo, além de afirmar que o modo como o indivíduo se relaciona com a alimentação durante a sua vida, está relacionada às experiências com a mãe e a família desde pequeno.

Dessa forma, Marins (2011) cita o núcleo familiar como o principal agente socializador, pois é onde ocorre a transmissão de comportamentos e estilos de vida saudáveis ou não, como a alimentação e a prática de atividade física. Isso se caracteriza pela forma que são apresentadas e tratadas as refeições, se há incentivo ou não pelo acesso a determinados tipos de alimentos e pela transmissão de conhecimentos sobre o impacto da alimentação na saúde, podendo auxiliar no que se refere às informações nas propagandas de alimentos, que muitas vezes são enganosas (Spaniol, 2014).

Em consonância com o exposto acima, Freitas (2012) *apud* Silva (2018), ajuda-nos a entender melhor sobre a alimentação como prática social, que consiste em um hábito que surge através de um costume social que revela a identidade, valores do cotidiano da estrutura social. Então, por mais que nossas preferências alimentares e a forma que preparamos e utilizamos os alimentos pareçam ser individuais e espontâneas, elas são reflexo do meio que vivemos da classe social e do contexto histórico.

Neste sentido, as disparidades na qualidade da alimentação e o número de refeições diárias entre os indivíduos de diferentes classes sociais, reforçam as vulnerabilidades de cunho sociais, caracterizadas pela distribuição desproporcional dos alimentos, na qual, apesar de haver uma produção grande de alimentos, é repartido desigualmente. Não há uma igualdade no acesso aos alimentos, de forma que, classes sociais com maior poder aquisitivo têm acesso a grandes quantidades de alimentos, enquanto classes sociais mais baixas possuem acesso limitado. Fatores como estes influenciam diretamente na construção dos hábitos alimentares e conseqüentemente na qualidade de vida (Minuzi & Pommer, 2018).

Outro aspecto que deve ser considerado na formação dos hábitos alimentares, diz respeito à condição socioeconômica, como renda da família, nível de escolaridade e situação empregatícia dos pais, seja pela facilidade ou dificuldade a terem acesso a certos tipos de alimentos, como também, a qualidade e a quantidade deles. Proporcionalmente ao poder aquisitivo dos pais, é o nível de qualidade dos alimentos e também a adoção de métodos saudáveis na alimentação do filho (Souza, 2019).

Do ponto de vista de Medina *et al.* (2019), os segmentos sociais da população que mais sofre com a iniquidade nos padrões alimentares são os grupos menos favorecidos em sociedades de economia capitalista, nas quais o nível socioeconômico do indivíduo designa sua condição de vida e a qualidade e a quantidade de produtos e serviços que ele possui, além do acesso aos recursos básicos, como água potável, moradia, saneamento e alimentação. Assim,

As pesquisas confirmam que a qualidade da dieta tende a ser melhor com o aumento da renda ou da escolaridade e que dietas com alto teor de energia e baixa qualidade nutricional são consumidas preferencialmente pelos grupos socialmente menos favorecidos. Esses segmentos tendem a optar por alimentos menos saudáveis em virtude do preço, da saciedade que propiciam, da facilidade de acesso e do nível de conhecimento que possuem sobre o impacto à saúde atribuído à inclusão desses itens na alimentação (Medina, 2019, p. 2).

A desigualdade na alimentação foi crescendo na medida em que as indústrias alimentares se desenvolviam, por um lado, a produção de alimento aumentava e no outro, na mesma velocidade, a fome, reflexo da concentração de renda nas mãos de uma minoria.

Minuzi e Pommer (2018) corroboram afirmando sobre as abordagens de questões alimentares, as quais evidenciam os conflitos entre as classes sociais de interesses opostos, os trabalhadores que vivem do seu trabalho e os donos dos meios de produção escancarando que o campo alimentar consiste de uma maioria trabalhando para manter a poucos.

O modo de produção capitalista, com o desequilíbrio na distribuição econômica, acentua a segregação social, que reflete nos hábitos alimentares, em que as famílias com maiores condições financeiras conseguem ter acesso a alimentos mais saudáveis, de maior qualidade nutricional e que possuem um custo mais elevado, enquanto que, as famílias que apresentam uma renda baixa, acabam sendo reféns de alimentos ultra processados com baixa carga nutricional por possuírem preços acessíveis, tornando-se o principal grupo de risco para o desenvolvimento das DCNT (Minuzi & Pommer, 2018).

Portanto, a iniquidade de renda ocasiona a insegurança alimentar nas famílias carentes que sofrem com a escassez de alimentos ou estão condicionadas ao consumo de alimentos de baixa qualidade que podem conduzi-las para a aquisição de doenças (Canuto *et al.*, 2019).

Em continuidade a esta discussão, as relações sociais não se constituem apenas na instituição familiar, elas podem emergir de outros ambientes sociais, como a escola. Como nos explica Silva (2018), a escola é “considerada um local propício para a promoção da alimentação e para a formação de hábitos alimentares saudáveis”. O contato com professores, alunos e pais é propício ao desenvolvimento do cuidado com a saúde, através da promoção de uma alimentação saudável e de atividades físicas (Ueda, 2010).

Entretanto, no que se refere ao contexto escolar, ele não se constitui somente como um ambiente favorável à formação de hábitos saudáveis na infância, muitas vezes os lanches levados para serem consumidos na escola não correspondem a um alimento saudável, são produtos com baixo valor nutricional e alto teor de gordura, sal, sódio e açúcares, como biscoitos recheados, salgadinhos e sucos industrializados (Souza, 2014).

Desse modo, as crianças que até então não tinham contato com alimentos não saudáveis, percebem o comportamento das outras, sentem vontade de experimentar e acabam por incorporar novos alimentos na sua rotina (Spaniol, 2014).

Conforme foi apresentado, o contexto familiar e escolar são condicionantes essenciais para a construção dos hábitos alimentares. Porém, outro elemento que interfere na formação do comportamento alimentar são as mídias, através da publicidade de alimentos.

A mídia faz parte do cotidiano de muitas crianças e representa um grande poder de interferir no seu comportamento. Elas são usadas para divulgação de informação e de propagandas publicitárias, nas quais as indústrias, com seus interesses, se utilizam delas, com estratégias para persuadir e atrair o consumo de seus produtos, principalmente quando o público é infantil. Assim, colaborando com o exposto, Ceccatto *et al.* (2018) esclarece que “a publicidade é a ferramenta utilizada pelo marketing para promover a venda de seus produtos, é uma forma de comunicação com o objetivo de promover a comercialização ou alienação”.

No caso do público infantil, os anunciantes utilizam de estratégias emocionais e afetivas, fazendo alusão ao produto anunciado com elementos do universo infantil. No que se refere a propagandas de comidas, elas influenciam nos hábitos alimentares das crianças utilizando artistas, músicas e recursos visuais nas embalagens que remetem ao mundo infantil e cativa-as induzindo à compra (Ceccatto, 2016; Ceccatto *et al.*, 2018).

De acordo com Ueda (2010), geralmente, os alimentos divulgados nos meios de comunicação são bem aceitos por serem atrativos e saborosos, mas são em sua maioria ultra processados, que favorecem o surgimento das DCNTs, com ingredientes principais como o açúcar, a gordura dando maciez, os corantes para dar cores especiais, os aromatizantes e o sódio

acentuando o sabor. A autora conclui ainda que as mídias possuem suas implicações nas práticas culturais e influenciam na política, no consumo, modo de vida e na cultura popular. E uma das suas particularidades é a ampla disseminação, o que leva ao descontrole da informação.

Evidencia-se, a importância da promoção do cuidado com a alimentação, seja dentro de casa, com o papel dos pais em incentivar hábitos saudáveis ou na escola, com os professores, através de projetos que promovam uma educação em saúde incentivando o consumo de alimentos nutritivos. Além disso, cabe aos familiares em parceria com a escola, a orientação para as crianças com relação ao objetivo das publicidades, que só visam a venda dos seus produtos e não o que eles propõem nos anúncios.

Consideramos, portanto, por meio da análise dos estudos selecionados para a elaboração deste capítulo, que as práticas alimentares são moldadas por uma variedade de fatores sociais, econômicos, ambientais e culturais. Os condicionantes predominantes estudados foram a estrutura familiar, o contexto escolar, as condições financeiras e de classe social, nível de escolaridade e a influência da publicidade nas mídias.

4. Padrões Alimentares na Infância: Entre a Saúde Infantil e Doenças Crônicas não Transmissíveis

Para a elaboração deste capítulo analítico, realizamos o estudo das 48 produções científicas encontradas durante o levantamento a partir das bases de dados, para assim, realizamos a análise utilizando como ferramenta de pesquisa, o Estado da Questão, na qual pretendemos evidenciar o objeto de estudo por meio das produções científicas disponíveis.

Assim, após a investigação e lapidação do objeto, as categorias analíticas emergiram após leitura e estudo das produções, que subsidiarão a construção da pesquisa e que serão divididas pelas temáticas e elementos principais que cercam o objeto em estudo.

Iniciamos nossa trajetória para a construção desta seção quando estruturamos todo o caminho que devemos percorrer através das bases de dados, e da apropriação do objeto de pesquisa com sua materialização da escolha dos descritores e da base de dados que permitiram o alcance dos dados.

A busca de dados deu início em 16 de novembro de 2020 e terminou em 5 de fevereiro de 2021 e após a elaboração do objeto de investigação, foram definidos os descritores pertinentes à questão estudada, os quais foram: alimentação, infância, doenças crônicas, mídias e obesidade infantil.

Uma vez delimitados os descritores, selecionou-se as bases de dados, escolhendo as fontes que já possuíam mais afinidade e uso frequente, para que facilitasse o processo de busca do tema escolhido. As bases foram: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal de Periódicos CAPES.

Com isso, os descritores foram designados e combinados de forma aleatória de acordo com a quantidade pedida na base de dados, o operador booleano utilizado foi *AND*. Portanto, nesta primeira etapa de levantamento, na base BDTD, encontramos 31 trabalhos entre teses e dissertações, no SciELO 59 e Portal de Periódicos CAPES chegamos a 664 artigos.

Para o aprimoramento dos dados, foram aplicados filtros ainda na base de dados, como critérios de inclusão ou exclusão, filtros estes: “revisados por pares” e de “idioma (português)”, por ser uma pesquisa que busca analisar a realidade do objeto de estudo no Brasil.

Por fim, a última filtragem foi a leitura dos títulos e resumos para verificação dos achados que não se aproximaram do objetivo proposto, restando assim, os trabalhos que têm maior relevância para serem utilizados como Estado da Questão desta pesquisa. No Quadro 1 podemos observar o quantitativo dos materiais bibliográficos encontrados e a filtragem após a aplicação dos filtros já informados.

Quadro 1 – Quantidade de trabalhos identificados nos BDTD, Periódico Capes e Scielo.

FONTE	TOTAL (Trabalhos encontrados)	1º FILTRO (Revisado por pares)	2º FILTRO (Idioma)	3º FILTRO (Leitura dos resumos)
BDTD	31	31	30	10
PeriódicoCapes	664	461	39	34
Scielo	59	41	59	4
TOTAL				48

Fonte: Autores (2021).

Após todo o processo apresentado, conclui-se as buscas por material científico, que serviu de base para o prosseguimento do estudo e para que pudéssemos construir os subitens deste capítulo, que partiram da elaboração de categorias, estas por sua vez, surgiram através do agrupamento das temáticas dos estudos.

Por sua vez, delimitamos duas categorias que discutiremos ainda neste capítulo, com elementos decorrentes da análise dos trabalhos encontrados e que cercam o objeto em questão, são elas: Relação da mídia com o padrão alimentar na infância e práticas alimentares inadequadas e os riscos à saúde na infância. Veja abaixo nos Quadros 2 e 3, as produções científicas que irão compor a análise destas categorias.

Quadro 2 – Trabalhos mapeados relacionados à temática de Relação da mídia com o padrão alimentar na infância.

AUTOR	TÍTULO	TIPO	ANO
SILVA, M. R. B.	Do ver ao comer: o papel mediador da publicidade de alimentos ultraprocessados na produção social de sentidos sobre alimentação infantil	Dissertação	2018
SOUZA, G. F.	O efeito de vídeos de alimentação saudável sobre as escolhas de alimentos em crianças.	Dissertação	2014
FERREIRA, M. S. S.	Comportamento Alimentar Infantil	Dissertação	2015
MARTINS, I. S. S.	A criança como influenciadora de compra para a publicidade: apelos, motivações e subjetividade infantil.	Dissertação	2015
PIASETZKI, C. T. R.	Educação alimentar e nutricional na infância: a influência da família, do professor e de meios de comunicação	Tese	2019
SPANIOL, A. M.	Influência Da Publicidade De Alimentos Sobre a Escolha Alimentar De Crianças E Adolescentes De Escolas Públicas Do Distrito Federal.	Dissertação	2014
UEDA, M. H.	O efeito da publicidade de alimentos saudáveis e não saudáveis sobre as escolhas alimentares de crianças.	Dissertação	2010
CARVALHO, F. M.; TAMASIA, G. A.	A influência da mídia na alimentação infantil	Artigo	2016
CECCATTO <i>et al.</i>	A influência da mídia no consumo alimentar infantil: uma revisão da literatura	Artigo	2018
GUIMARÃES, C. B.; PEREIRA, C. C. Q.	Infância e práticas alimentares: estudo bioético sobre vulnerabilidade e risco	Artigo	2020
LESSA, J. S.; MULEKA, C. M.	Infância e alimentação: embalagens como engrenagem da indústria cultural.	Artigo	2017

MONTEIRO, J.;GOEDERT, T.; ROSA, R. L.	Influência da mídia no perfil nutricional de crianças pré-escolares da cidade de Gaspar-SC.	Artigo	2020
VALLE, J. M. N.; EUCLYDES, M. P.	A formação dos hábitos alimentares na infância: uma revisão de alguns aspectos abordados na literatura nos últimos dez anos.	Artigo	2007
SANTOS, P. S.	Influência da mídia nas escolhas alimentares na infância.	Artigo de graduação	2019
MOURA, N. C.	Influência da mídia no comportamento alimentar de crianças e adolescentes.	Artigo	2010
RODRIGUES, A. S. <i>et al.</i>	Associação entre o marketing de produtos alimentares de elevada densidade energética e a obesidade infantil.	Artigo	2010
MILANI, M.O. <i>et al.</i>	Influência da mídia nos hábitos alimentares de crianças: uma revisão da literatura.	Artigo	2015
MOREIRA, T. T. B.	Influência da mídia na alimentação infantil.	Artigo de Graduação	2016

Fonte: Autores (2021).

Quadro 3 – Trabalhos mapeados relacionados à temática de Práticas alimentares inadequadas e os riscos à saúde na infância.

AUTOR	TÍTULO	TIPO	ANO
SILVA, A. C.	Prevalência De Parâmetros Nutricionais De Risco Para Doenças cardiovascular E Renal Em Crianças Pré-escolares Saudáveis.	Dissertação	2011
FERREIRA, M. S. S.	Comportamento Alimentar Infantil	Dissertação	2015
FONSECA, P. C. A.	Associação do tempo de aleitamento materno exclusivo e do comportamento sedentário no consumo de frutas, hortaliças e ultraprocessados na infância.	Tese	2017
MARINS, S. S.	Percepções, crenças e práticas de pais e educadores acerca de sobrepeso e obesidade em pré-escolares	Tese	2011
SOUZA, J. C.	Fatores que contribuem para o desenvolvimento da obesidade infantil: revisão integrativa	Artigo de graduação	2019
CECCATTO <i>et al.</i>	A influência da mídia no consumo alimentar infantil: uma revisão da literatura	Artigo	2018
SILVA, M. R. B.	Do ver ao comer: o papel mediador da publicidade de alimentos ultraprocessados na produção social de sentidos sobre alimentação infantil	Dissertação	2018
PRETTO, A. D. B.	Práticas alimentares inadequadas na infância e possíveis repercussões	Tese	2015
HERNANDES, F. EVALENTINI, M. P.	Obesidade: causas e consequências em crianças e adolescentes	Artigo	2011
CIACCIA, M. C. C. <i>et al.</i>	A alta prevalência de obesidade em adolescentes de escolas da rede municipal de Santos e fatores associados	Artigo	2018

FIDENCIO, J. <i>et al.</i>	Associação entre estado nutricional, horas de consumo de tela e de atividade física em adolescentes	Artigo	2018
BORGES, C. Q.	Fatores associados à anemia em crianças e adolescentes de escolas públicas de Salvador, Bahia, Brasil	Artigo	2009
CARVALHO, F. M.; TAMASIA, G. A.	A influência da mídia na alimentação infantil	Artigo	2016
SCHISLER, C.; PERETTI, G.; BARATTO, I.	Estado nutricional e adequação alimentar de crianças em uma escola no município de São Jorge D' oeste-PR	Artigo	2009
KNEIPP, C. <i>et al.</i>	Excesso de peso e variáveis associadas em escolares de Itajaí, Santa Catarina, Brasil	Artigo	2015
GIESTA, J. M. <i>et al.</i>	Fatores associados à introdução precoce de alimentos ultraprocessados na alimentação de crianças menores de dois anos	Artigo	2019
GUERRA, L. D. S	Alimentação: um direito humano em disputa focos temáticos para compreensão e atuação em segurança alimentar e nutricional	Artigo	2019
OLIOSA, P. R. <i>et al.</i>	Relação entre composição corporal e dislipidemias em crianças e adolescentes	Artigo	2019
SOUZA, N. A. <i>et al.</i>	Dislipidemia familiar e fatores associados a alterações no perfil lipídico em crianças	Artigo	2019
ROSSI C. E. <i>et al.</i>	Fatores associados ao consumo alimentar na escola e ao sobrepeso/ obesidade de escolares de 7-10 anos de Santa Catarina, Brasil	Artigo	2019
JOCKNER, M. R. <i>et al.</i>	Correlação entre taxa metabólica basal e variabilidade da frequência cardíaca no treinamento resistido funcional em indivíduos com síndrome metabólica	Artigo	2018
LIMA, A. T. A. <i>et al.</i>	Influência da introdução alimentar precoce para o desenvolvimento da obesidade infantil: uma revisão de literatura	Artigo	2020
STADLER, F. <i>et al.</i>	Relação entre a alimentação complementar e a prevalência de excesso de peso em pré-escolares	Artigo	2016
MENDES, M. J. F. L. <i>et al.</i>	Associação de fatores de risco para doenças cardiovasculares em adolescentes e seus pais	Artigo	2006
LEAL, V. S. <i>et al.</i>	Excesso de peso em crianças e adolescentes no Estado de Pernambuco, Brasil: prevalência e determinantes	Artigo	2012
PEREIRA, L. L. <i>et al.</i>	Prevalência de sobrepeso e obesidade infantil entre lactentes, pré-escolares e escolares em uma área de abrangência do PET-SAÚDE	Artigo	2012
KAMIL, J. M.	Hábitos e comportamento alimentar de escolares do 5º ano do ensino fundamental residentes em Juiz de Fora – MG	Dissertação	2013
SANTOS, P. S.	Influência da mídia nas escolhas alimentares na infância	Artigo de graduação	2019
RODRIGUES, A. S. <i>et al.</i>	Associação entre o marketing de produtos alimentares de elevada densidade energética e a obesidade infantil.	Artigo	2010

Fonte: Autores (2021).

Diante do exposto, seguiremos agora com a análise dos subtópicos que caracterizam as categorias que já detalhamos nos excertos acima.

4.1 Relação da mídia com o padrão alimentar na infância

Como discutido anteriormente, os padrões alimentares dos seres humanos são construídos com o passar do tempo e com a influência de fatores socioeconômicos, culturais e familiares, nos quais o indivíduo faz parte. E todos esses fatores, sofrem interferência das mídias, ferramenta que transmite informações para população, tendo o poder de influenciar, positivamente e negativamente (Carvalho, 2016).

Os meios de comunicação, como a televisão, celulares, computadores fazem parte do cotidiano da maioria das pessoas, influenciando-as de diversas formas, seja no comportamento ou formação de personalidade, exercendo desde cedo sua função socializadora. Com isso, comportamentos antissociais e violentos na adolescência e vida adulta, já são associados com a frequência do uso desses meios na infância (Milani *et al.*, 2015).

Além disso, vale destacar que essas mídias reproduzem os aspectos ideológicos da sociedade, repassando um padrão de conduta social e valores de uma classe dominante, sendo reproduzidos por uma classe dominada, que acredita necessitar se encaixar nesses comportamentos para serem aceitos socialmente. Com isso, ao persuadir os indivíduos, geram um conformismo na sociedade, no qual as pessoas não possuem uma visão crítica da própria comunidade (Santos, 2019).

Moura (2010) destaca em seu estudo, que um número expressivo de crianças tem acesso às tecnologias ainda quando bebês, conforme vão crescendo, as horas em frente às telas aumentam, crianças a partir de dois anos de idade, passam em média três a quatro horas por dia usando aparelhos eletrônicos. Então, semanalmente passam vinte e quatro horas em contato com filmes, desenhos, jogos e comerciais e publicidades.

O poder das mídias pode ser percebido, principalmente, através da imitação, onde as crianças reproduzem falas, gestos, comportamentos em geral, a partir do que acessam nos veículos de informação. E essas condutas são fortalecidas com a interação de outras crianças, seja na escola, nas praças, na rua, com a família, muitos dos assuntos e brincadeiras decorrem de algo visto na televisão ou celular, evidenciando o potencial de alcance e persuasão dos meios, no cotidiano (Ueda, 2010).

As empresas se utilizam dessa força da mídia para promover seus produtos em um processo social chamado marketing, que vai desde o planejamento, designação de preços, promoção, à distribuição de ideias e serviços. Neste sentido, o marketing utiliza a publicidade como a ferramenta de divulgação do seu serviço, produto e ideias, sobretudo nos canais de massa, como internet e televisão (Rodrigues *et al.*, 2010).

As propagandas são apenas uma parte de um conjunto de comunicações mercadológicas, destinadas à construção de marcas e criação de relação com os consumidores, envolvendo as técnicas de marketing, como embalagens, apoio de artistas, personagens e desenhos animados. Com intuito de cativar as crianças para a compra, criando vínculos emocionais entre o produto e a criança (Moreira, 2016).

Vale considerar também, que os anúncios despertam nas crianças uma conduta de forte exigência, no que se refere à compra de produtos que são apresentados nos comerciais das TVs, celulares, tablets, dentre outros. E esses pedidos, quando negados, geram discussões ou até agressões verbais aos pais. Despertando também, muitas vezes, sentimentos de tristeza nessas crianças, quando não podem obter o produto desejado e de comparação com outras crianças mostradas nos meios de comunicação (Moura, 2010).

As crianças, por serem ainda vulneráveis por conta da sua hipossuficiência cognitiva, não conseguem distinguir e compreender a proposta das propagandas, e conseqüentemente, acreditam que o que está sendo anunciado vai lhe trazer felicidade e benefícios que são propostos no anúncio. As publicidades se utilizam de técnicas que induzam as crianças à

compra, levando em consideração o poder de importunação e a interferência que elas possuem nas decisões de compras da família (Spaniol, 2014).

Segundo Milani *et al.* (2015), as propagandas nos veículos midiáticos se moldam conforme o público-alvo, em que os anunciantes contam com estratégias mercadológicas em formatos diferentes para atingir um maior número de pessoas. O autor destaca as empresas de fast food, que se utilizam de brindes, histórias, personagens com o público infantil, já com os adultos, são informações relacionadas a preços, gostos e tamanhos. Tudo isso interfere na construção dos hábitos alimentares (Milani *et al.*, 2015).

Neste contexto, os alimentos acabam se tornando subprodutos por conta de suas embalagens, advindos de filmes, desenhos e personagens marcantes para as crianças. E provocando nelas o sentimento de estar trazendo consigo, por meio da compra, os heróis e os personagens. Diminuindo a distância entre criança e seus personagens favoritos, e ainda, conforme explica Lessa e Muleka (2017), criando uma contínua mistificação da infância, em que as indústrias culturais se apropriam, onde passa a ser uma fase de autossuficiência que requer a mínima interferência adulta (Lessa & Muleka, 2017).

Com isso, Moura (2010) cita que, dentre as diversas formas de influência sobre as práticas alimentares, a mídia, nas suas múltiplas formas, é uma das que mais rapidamente assume o papel de socialização entre crianças e adolescentes. Arelado ao acesso exacerbado desses veículos, há o aumento na promoção de alimentos industrializados, que são prejudiciais à saúde, incentivando negativamente nos costumes alimentares e saúde das crianças.

Com o crescente número de crianças acometidas precocemente com as DCNTs, Milani *et al.* (2015) afirmam que muitos especialistas têm sugerido que a propaganda e publicidade de alimentos ricos em gorduras e pobres em nutrientes, como as bebidas açucaradas, contribuem para um ambiente obesogênico que torna as escolhas de comidas saudáveis mais difíceis pelo público infantil.

Por outro lado, Moura (2010, p. 8) analisa que as crianças conseguem ter o controle da densidade energética de suas dietas, e comenta que “apesar de a ingestão em refeições individuais ser errática, a ingestão de energia durante o dia é relativamente bem regulada, desde que os alimentos disponíveis no ambiente da criança o permitam.” Mas, enfatiza que a pouca disponibilidade de comida saudável dentro de casa dificulta que as ingestões dietéticas das crianças sejam saudáveis.

Neste sentido, Milani *et al.* (2015) exemplifica também, trazendo um estudo realizado com 14 responsáveis por crianças do nordeste do país. Nesta pesquisa sobre a rotina familiar, o autor mostra que se notou que, os costumes alimentares das famílias sofreram mudanças para se adaptar aos horários dos programas televisivos. E que, as crianças dessas famílias, influenciaram nas mudanças das compras da família, fruto dos anúncios atrativos da mídia, gerando um descontrole nos hábitos alimentares, sem mensurar a dimensão da situação.

Então, frente ao que foi exposto, vimos como a mídia tem poder de persuasão, principalmente nas crianças, que não possuem resistência mental suficiente para identificar o caráter persuasivo das propagandas. E com o aumento da obesidade e das DCNTs na infância, é importante a adoção de medidas que controlem o marketing alimentar (Rodrigues *et al.*, 2011).

Diante destes fatos, vê-se a necessidade da regulamentação da publicidade para crianças, em que no Brasil, já existem legislações que regulamentam as propagandas veiculadas com comidas, apesar de caminhar a passos lentos. Uma dessas medidas mostra os pontos que devem ser respeitados pelas empresas quando refere a alimentos ricos em gordura, açúcar, sal, sódio, entre outros ingredientes, que fazem com que os alimentos sejam prejudiciais à saúde (Milani *et al.*, 2015).

No Código de Defesa do Consumidor, que é uma lei federal, no que se refere ao público infantil, determina que as propagandas não devem se aproveitar da inocência da criança e da sua falta de capacidade de julgamento, sofrendo pena de serem consideradas abusivas e ilegais, além disso, devem ser veiculadas de forma que o consumidor facilmente as identifique (Moreira, 2016).

Moreira (2016) complementa seu estudo trazendo como exemplo a OMS, que em 2010 emitiu um Conjunto de Recomendações sobre Marketing de Alimentos e Bebidas Não Alcoólicas para Crianças, que exigiam aos países a realizarem ações em relação ao marketing alimentar infantil, para combater o aumento exacerbado de crianças acometidas com obesidade e DNCTs. Exigiam, que os países deveriam reduzir a publicidade direcionada às crianças.

A partir disso, alguns países passaram a adotar a obrigatoriedade de mensagens nas propagandas, junto com as informações nutricionais, sejam para crianças ou adultos. O Brasil foi o último a exigir essas advertências, através da ANVISA, dentre as estratégias de regulamentação publicitária, o país possui aquelas que são representadas pelo Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária (CONAR), que determina diretrizes éticas a serem seguidas pelos anunciantes, tudo isto, organizado por uma ligação entre empresas, agências de publicidade e pelos veículos midiáticos (Moreira, 2016).

Essa interligação entre o setor das empresas de alimentação e as empresas de veículos de comunicação e *marketing*, devem ser consolidadas, com o intuito de diminuir progressivamente a demanda e eliminar a publicidade de alimentos e de bebidas que são prejudiciais às crianças. E de acordo com Moura (2010, p. 4), “isto se reflete em ações como, por exemplo, as normas da legislação que exigem o uso de tabela de valores nutricionais nos rótulos dos produtos alimentícios”.

O autor comenta ainda que, a regulamentação da publicidade de alimentos deve levar como base, o direito humano à alimentação de qualidade, à segurança alimentar e nutricional e o respeito aos direitos das crianças, que atrelada com a promoção da saúde, deve considerar questões como: informação adequada e correta sobre o valor nutricional do alimento; caracterização e explicação do que é um alimento rico em açúcar, gordura e sal; o uso de advertências em caso de veiculação das propagandas destes produtos; restrição da utilização de desenhos, personagens, artistas quando destinada a crianças; restrição de horário dessas propagandas, divulgação nas escolas (Moura, 2010).

Apesar de todas essas advertências e exigências, ainda acontecem falhas na regulamentação de anúncios de produtos alimentícios, não havendo efetividade no cumprimento dessas medidas. Portanto, para evitar e amenizar problemas de saúde nas crianças, essa regulamentação deveria ser realizada de forma mais eficiente, com punições mais rígidas. Torna-se evidente a necessidade de maior rigor nas legislações que tangem às publicidades de alimentos, para frear o marketing alimentar infantil e conseqüentemente os surgimentos de doenças relacionadas aos hábitos alimentares (Milani *et al.*, 2015).

4.2 Práticas alimentares inadequadas e os riscos à saúde na infância

É consenso que uma alimentação equilibrada fornece ao corpo nutrientes necessários para o desempenho de suas funções e conservação de um estado bom de saúde. Mas, para isso é necessário um consumo alimentar adequado, pois práticas alimentares inadequadas e insuficientes são fatores de risco para deficiências nutricionais, enquanto padrões alimentares excessivos podem gerar sobrepeso, obesidade e demais doenças, como as DCNTs (Pretto, 2015).

Para Hernades; Valentini (2010), indivíduos acometidos com problemas decorrentes de sobrepeso se tornou comum no cotidiano, consequência de um estilo de vida mais sedentário, associado com o aumento da ingestão em grandes quantidades de alimentos ricos em gorduras. E quando se refere a crianças, o autor elucida como fatores principais do aumento da obesidade infantil: inatividade física, os avanços tecnológicos e até o abandono da amamentação.

O Brasil é considerado um dos países com elevação mais veloz do sobrepeso e obesidade, levando-se em consideração o IMC, principalmente no que se refere às crianças, até mesmo em população com condição socioeconômica menos favorável. O país está passando por um período denominado transição epidemiológica e nutricional, que corresponde ao avanço de doenças como a obesidade e as DCNTs acometendo pessoas de todas as idades e a redução da desnutrição, que antes eram os problemas mais frequentes no público infantil (Hernades & Valentini, 2010).

Essas mudanças ocorridas nas últimas décadas, nos hábitos alimentares da população brasileira, caracterizaram-se essencialmente pela substituição de comidas caseiras e naturais por alimentos ultra processados, pois esses estão sendo cada vez mais introduzidos na rotina alimentar de uma criança precocemente (Giesta *et al.*, 2019).

A transformação nutricional consiste, sobretudo, das mudanças em quantidades e qualidades de macronutrientes de uma dieta alimentar, onde anteriormente, era baseada em carboidratos complexos, proteínas animais em poucas quantidades e predomínio de lipídeos de origem vegetal. Atualmente, passou a ter como base, alta ingestão de alimentos de origem animal e prevalência de carboidratos simples (Silva, 2018).

As crianças que sofrem com sobrepeso podem apresentar várias complicações na sua saúde, a longo ou curto prazo. Uma criança com obesidade tem grande chance de ser um adulto obeso, grande parte das complicações da obesidade que começam quando pequenos, pode manifestar-se novamente na fase adulta, carregando consigo o risco elevado de desenvolver diabetes, problemas cardiovasculares, hipertensão, aumentando a morbimortalidade e reduzindo a esperança de vida, além dos prejuízos psicossociais (Hernades & Valentini, 2010).

Além dos riscos futuros, essas crianças estão mais vulneráveis a serem acometidas por dificuldades respiratórias, grande risco de fraturas e problemas psicológicos no que se refere a sua imagem corporal, causados pelo não pertencimento ao padrão estabelecido pela sociedade, que gera exclusão social, discriminação, depressão e crises de ansiedade (Souza, 2019).

Concomitante, as crianças e os adolescentes são mais suscetíveis a sofrerem desequilíbrios nutricionais, decorrentes do aumento das suas demandas energéticas, por conta de o desenvolvimento físico aumentar rapidamente. Por isso, a adoção de práticas alimentares adequadas desde o período da infância, favorece a promoção da saúde na vida adulta (Pretto, 2015).

Todos esses aspectos enfatizam sobre a obesidade e sobrepeso na infância como problemas de saúde pública, que se caracterizam pelo aumento dos gastos no âmbito da saúde pública brasileira para tratar os adultos sem saúde. Então, a pauta principal se tornou o controle da obesidade infantil, focando na redução do consumo de comidas ultra processadas e focando em ações de educação alimentar. Algumas medidas neste sentido foram adotadas a nível estadual, como a Lei 4.508/05 que impede o comércio de produtos em lanchonetes escolares, que sejam prejudiciais à saúde (Souza, 2019).

Apesar disso, de pouco adianta a proibição de determinados alimentos que trazem malefícios, se não há disponibilidade de alimentos naturais e saudáveis nas cantinas escolares. Para isso, é imprescindível a elaboração de leis que exigiam a obrigatoriedade do comércio ou fornecimento de refeições saudáveis dentro da escola. Atrelado a isso, muitas crianças no ambiente familiar também não dispõem de acesso a alimentos com maior valor nutricional, para muitas famílias de baixa renda, eles possuem um custo mais elevado, tornando mais acessíveis os alimentos com industrializados com a densidade energética elevada, que satisfaçam mais e são com preços mais acessíveis (Souza, 2019).

Outro elemento que constitui como uma estratégia de combate e prevenção, é a promoção da saúde através da propagação de informação sobre alimentação saudável, como política pública que visa melhorar os hábitos alimentares e incentivar a prática de exercícios físicos. A prioridade está nas instituições escolares, por serem ambientes favoráveis para execução de ações de educação nutricional, que influenciarão na construção dos hábitos saudáveis e ao mesmo tempo repercutindo no contexto familiar, reproduzindo para os pais ou responsáveis sobre o que foi aprendido sobre alimentação na escola (Santos, 2019).

Souza (2019) traz em seu estudo, que os Ministérios da Educação e Saúde, juntaram-se criando o Programa Saúde na Escola, para tornar mais efetiva as ações de promoções de cuidados com a saúde no âmbito escolar. Mas, apesar disto, torna-se importante que essas políticas que incentivam e promovem atividades para melhoria da prática alimentar dos alunos, busquem um contato maior com a família e a comunidade, enfatizando a relevância do cuidar da saúde, seja na alimentação ou na prática de atividades físicas.

Torna-se imprescindível o desenvolvimento de ações concretas de estímulo à mudança de hábitos, seja através de projetos, como exemplo, uma plantação de hortas pelos alunos dentro do ambiente da escola, realização de oficinas de culinárias, onde as crianças possam fazer um papel mais participativo nesse processo de ensino-aprendizagem (Milani *et al.*, 2015).

Com isso, percebe-se como o ambiente escolar é um lugar rico para o desenvolvimento da educação nutricional, em que os estudantes estão em processo de crescimento e formação dos aspectos físicos e de conceitos. As crianças, ao possuírem o conhecimento nutricional, podem analisar e modificar suas escolhas alimentares, optando por uma alimentação mais saudável, que ajudará a melhorar seu estado nutricional, a qualidade de vida, reduzindo os riscos a doenças como diabetes, obesidade e as DCNTs, entenderem como evitar os riscos no presente para terem um futuro saudável, por meio de ações de prevenção (Santos, 2019).

5. Considerações Finais

Foi possível observar, com a revisão bibliográfica da presente pesquisa, que a formação dos padrões alimentares se dá essencialmente na infância e sofre a interferência de diferentes fatores: ambientais, econômicos, culturais e sobretudo, das mídias. Esses elementos são os principais responsáveis pela transição nutricional que o país está passando com a construção de um ambiente obesogênico e o aumento significativo das DCNTs.

Em continuidade, também, observamos o poder de influência da mídia nos hábitos alimentares das crianças através da publicidade, que se utilizam de estratégias persuasivas, como associação do produto com o universo infantil, instigando o poder de compra dessas crianças, incentivando os pais a adquirirem o produto que é anunciado.

As indústrias, visando apenas o lucro, afetam negativamente a qualidade de vida e poder de escolha da sociedade. Divulgam, em sua maioria, alimentos muito calóricos e de baixo valor nutritivo, induzindo as crianças a acreditarem que precisam consumir aquele alimento, e, no entanto, são incapazes de processar e identificar o marketing presente nessas publicidades e seu real intuito.

Dessa forma, é evidente a importância da adoção de métodos para atenuar as consequências do consumo exacerbado dos alimentos anunciados nos meios de comunicação, tanto no ambiente familiar, como no escolar, como forma de tratamento e prevenção de problemas na vida adulta, como a diabetes, hipertensão, cânceres, colesterol e outros.

Uma ferramenta muito importante para combater a influência negativa do marketing sobre as crianças seria o freio na publicidade de alimentos direcionadas a elas, por meio da regulação desses anúncios, visando determinar limites entre a sociedade e o Estado, e entre o governo e o mercado na garantia dos direitos e do bem da sociedade, protegendo a saúde da população.

Apesar de haver algumas diretrizes e normas, que regulamentam em determinados aspectos os anúncios de alimentos, nota-se que não há efetividade no cumprimento dessas medidas. Seria imprescindível que, com o intuito de evitar problemas de saúde a curto e longo prazo no público infantil, esta regulamentação seja posta em prática de uma forma mais objetiva, com punições mais rígidas, trazendo benefícios não apenas para as crianças que consomem, mas também às indústrias que têm o comprometimento em informar de maneira responsável aos consumidores sobre a qualidade de seus produtos.

Ademais, é preciso a implementação de políticas públicas voltadas para a educação alimentar dessas crianças, com articulação de medidas de saúde pública, havendo o aperfeiçoamento e planejamento, entre professores e profissionais de saúde e famílias, objetivando amenizar as consequências dessas mudanças nos hábitos alimentares, através de técnicas efetivas de educação nutricional.

Embora já aconteçam ações de educação alimentar em algumas escolas, muitas não passam de atividades pontuais, essas devem ser comprometidas com a garantia do direito à alimentação adequada e diminuindo as vulnerabilidades,

protegendo a população, principalmente as crianças.

Por fim, como forma de dar continuidade aos estudos e abordagens dessa temática, seria de extrema importância mais produções sobre o tema, com diferentes percursos metodológicos, disseminando mais conhecimento, como forma de prevenção das DCNTs e da obesidade, ou que contribuam para diminuir a sua prevalência na sociedade, sobretudo nas crianças.

Referências

- Cavalcante, R. B.; Calixto P.; Pinheiro, M. M. K. (2014). Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Inf. & Soc. João Pessoa*, 24(1), 13-18, jan./abr. <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/10000/10871>.
- Borges, C. Q. *et al* (2009). Fatores associados à anemia em crianças e adolescentes de escolas públicas de Salvador, Bahia, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 25(4), 877-888, abr. <https://www.scielo.org/pdf/csp/2009.v25n4/877-888/pt>.
- Carvalho, F. M., & Tamasia, G. A. (2016). A influência da mídia na alimentação infantil. 14f. https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/035_influencia_midia_alimentacao_infantil.pdf.
- Ceccatto, D. *et al*. (2018). A influência da mídia no consumo alimentar infantil: uma revisão da literatura. *Perspectiva*, Erechim, 42 (157), 141-149, mar. https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/157_700.pdf.
- Ciaccia, M. C. C. *et al*. (2018). A alta prevalência de obesidade em adolescentes de escolas da rede municipal de Santos e fatores associados. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, São Paulo. 12(72), 486-494, Jul./Ago. <http://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/728>.
- Ferreira, M. S. S. (2015). Comportamento Alimentar Infantil – Efeitos de Intervenção Baseada em Modelação com uso de Mídia e Reforçamento Positivo no Consumo de Frutas. 70 f. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015. <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3478>.
- Fidencio, J. *et al*. (2018). Associação entre estado nutricional, horas de consumo de tela e de atividade física em adolescentes. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, São Paulo. 12(72), 535-541, Jul./Ago. <http://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/744/564>.
- Fonseca, P. C. A. (2017). Associação do tempo de aleitamento materno exclusivo e do comportamento sedentário no consumo de frutas, hortaliças e ultraprocessados na infância. 78f. Tese (Doutorado em Ciência da Nutrição) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2017. <https://locus.custom.ufv.br/handle/123456789/11716>.
- Guerra, L. D. S. (2019). Alimentação: um direito humano em disputa - focos temáticos para compreensão e atuação em segurança alimentar e nutricional. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 24(9), 3369-3394. <https://www.scielo.br/j/csc/a/HMJwyTBrpS9SkLdHdhxjvQs/abstract/?lang=pt>.
- Guimarães, C. B., & Pereira, C. C. Q. (2020). Infância e práticas alimentares: estudo bioético sobre vulnerabilidade e risco. *Rev. Bioética*, Brasília, 28(2), Abr./Jun. <https://doi.org/10.1590/1983-80422020282391>.
- Giesta, J. M. *et al*. (2019). Fatores associados à introdução precoce de alimentos ultraprocessados na alimentação de crianças menores de dois anos. *Ciência & Saúde Coletiva*, Porto Alegre, 24(7), 2387-2397, jul. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018247.24162017>.
- Jockner, M. R. *et al*. (2018). Correlação entre taxa metabólica basal e variabilidade da frequência cardíaca no treinamento resistido funcional em indivíduos com síndrome metabólica. *Colloq Vitae*, São Paulo, 10(3), 240, set-dez. <https://revistas.unoeste.br/index.php/cv/article/view/2846>.
- Kamil, J. M. (2013). Hábitos e comportamento alimentar de escolares do 5º ano do ensino fundamental residentes em Juiz de Fora – MG. 96f. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2013. <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2374>.
- Kneipp, C. *et al*. (2015). Excesso de peso e variáveis associadas em escolares de Itajaí, Santa Catarina, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 20(8), 2411-2422, ago. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015208.18752014>.
- Leal, V. S. *et al*. (2012). Excesso de peso em crianças e adolescentes no Estado de Pernambuco, Brasil: prevalência e determinantes. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 28(6), 1175-1182, jun. <https://www.scielo.br/j/csp/a/yMZpMB3XDBqXgpJXGfwbZcz/?format=pdf&lang=pt>.
- Lelis, C.T.; Teixeira, C. M. D.; Silva, N. M. (2012). A inserção feminina no mercado de trabalho e suas implicações para os hábitos alimentares da mulher e de sua família. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, 36(95), 523-532, out./dez. <https://www.scielo.br/pdf/sdeb/v36n95/a04v36n95.pdf>.
- Lessa, J. S., & Muleka, C. M. (2017). Infância e alimentação: embalagens como engrenagem da indústria cultural. *Emancipação*, Ponta Grossa, 17(2), 319-332. <https://revistas2.uepg.br/index.php/emanci>.
- Lima, A. T. A. *et al*. (2020). Influência da introdução alimentar precoce para o desenvolvimento da obesidade infantil: uma revisão de literatura. *Research, Society and Development*, Quixeramobim, 9(8), e56984925, junho. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/4925>.
- Marins, S. S. (2011). Percepções, crenças e práticas de pais e educadores acerca de sobrepeso e obesidade em pré-escolares. 257 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7136/tde-28032011-110221/>.
- Martins, I. S. S. (2015). A criança como influenciadora de compra para a publicidade: apelos, motivações e subjetividade infantil. 237 f. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3849>.

- Mendes, M. J. F. L. *et al.* (2006). Associação de fatores de risco para doenças cardiovasculares em adolescentes e seus pais. *Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.*, Recife, 6 (Supl 1): S49-S54, maio /2006. <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/wGNtvCtHqbNBZkYKLPgznqN/?format=pdf&lang=pt>.
- Milani, M. O. *et al.* (2015). Influência da mídia nos hábitos alimentares de crianças: uma revisão da literatura. *Rev Epidemiol Control Infect*, Santa Maria, 5(3), 153-157, Jul/Set. <https://doi.org/10.17058/reci.v5i3.5115>.
- Minuzi, G. A., & Pommer, R. M. G. (2018). A alimentação e as classes sociais: uma análise dialética. In: 2ª Compartilhando Saberes, Santa Maria, 2(1). <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/342/2019/05/Gabrielle-Assuncao-Minuzi-A-ALIMENTAXCAO-E-AS-CLASSES-SOCIAIS.pdf>.
- Monteiro, J.; Goedert, T.; Rosa, R. L. (2020). Influência da mídia no perfil nutricional de crianças pré-escolares da cidade de Gaspar-SC. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, São Paulo, 14(84), 125-130. Jan./Fev. <http://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/1192/942>.
- Moreira, T. R. B. (2016). Influência da mídia na alimentação infantil. 37f. Trabalho de Graduação (Graduação em Nutrição) - Centro Universitário Ibmr – Laureate International Universities, Rio de Janeiro, 2016. <https://www.ibmr.br/files/tcc/influencia-da-midia-na-alimentacao-infantil-thais-r-b-moreira.pdf>.
- Moura, N. C. (2010). Influência da mídia no comportamento alimentar de crianças e adolescentes. *Segurança Alimentar e Nutricional*, Campinas, 17(1), 113-122. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/8634805/2724>.
- Olios, P. R. *et al.* (2019). Relação entre composição corporal e dislipidemias em crianças e adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, Espírito Santo, 24(10), 3743-3752. <https://www.scielo.br/j/csc/a/RZvDh6SMk9F55MJvThKZzCh/?lang=pt&format=pdf>.
- Paschoarelli, L. C.; Medola, F. O.; Bonfim, G. H. C. (2015). Características Qualitativas, Quantitativas e Quali-quantitativas de Abordagens Científicas. *Revista de Design, Tecnologia e Sociedade*. 2(1). <https://periodicos.unb.br/index.php/design-tecnologiasociedade/article/view/15699>.
- Pereira, L. L. *et al.* (2012). Prevalência de sobrepeso e obesidade infantil entre lactentes, pré-escolares e escolares em uma área de abrangência do PET-SAÚDE. *Arq. Catarin. Medicina*. Santa Catarina, 41(4), 09-14. <http://www.acm.org.br/revista/pdf/artigos/1136.pdf>.
- Piasetzki, C. T. R. (2019). Educação alimentar e nutricional na infância: a influência da família, do professor e de meios de comunicação. 165f. Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Porto Alegre, 2019. <http://hdl.handle.net/10183/210394>.
- Rodrigues, A. S. *et al.* (2010). Associação entre o marketing de produtos alimentares de elevada densidade energética e a obesidade infantil. *Rev Port Saúde Pública*, Lisboa, 29(2), 180-187. <https://www.elsevier.es/en-revista-revista-portuguesa-saude-publica-323-articulo-associacao-entre-o-marketing-produtos-50870902511700220>.
- Rossi C. E. *et al.* (2019). Fatores associados ao consumo alimentar na escola e ao sobrepeso/ obesidade de escolares de 7-10 anos de Santa Catarina, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Santa Catarina, 24(2), 443-454, fev.: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018242.34942016>.
- Santos, P. S. (2019). Influência da mídia nas escolhas alimentares na infância. 55f. Trabalho de Graduação (Graduação em Nutrição) – Centro Universitário Redentor, Itaperuna – RJ, 2019.
- Silva, A. C. (2011). Prevalência De Parâmetros Nutricionais De Risco Para Doenças cardiovascular E Renal Em Crianças Pré-escolares Saudáveis. 138 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-8L7QRH>.
- Silva, M. R. B. (2018). Do ver ao comer: o papel mediador da publicidade de alimentos ultraprocessados na produção social de sentidos sobre alimentação infantil. 186 f. Dissertação (Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde)-Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/27421>.
- Schissler, C.; Peretti, G.; Baratto, I. (2018). Estado nutricional e adequação alimentar de crianças em uma escola no município de São Jorge D’oeste-PR. *Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento*, São Paulo, 12(73), 680-689, Set./Out. <http://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/767>.
- Souza, J. C. (2019). Fatores que contribuem para o desenvolvimento da obesidade infantil: revisão integrativa. 33f. Trabalho de Graduação (Graduação em Enfermagem) - Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2019. <http://ri.ucs.br:8080/jspui/handle/prefix/1427>.
- Souza, G. F. (2014). O efeito de vídeos de alimentação saudável sobre as escolhas de alimentos em crianças. 108f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento) -Universidade Federal do Pará, Belém, Pará. 2014. <http://10.7.2.42:8080/jspui/handle/2011/10814>.
- Souza, N. A. *et al.* (2019). Dislipidemia familiar e fatores associados a alterações no perfil lipídico em crianças. *Ciência & Saúde Coletiva*, Minas Gerais, 24(1), 323-332, jan. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018241.03952017>.
- Stadler, F. *et al.* (2016). Relação entre a alimentação complementar e a prevalência de excesso de peso em pré-escolares. *Revista Saúde* (Santa Maria), Minas Gerais, 42(1), 197-204, Jan./Jun. <https://periodicos.ufsm.br/revistasaude/article/view/15969/0>.
- Spaniol, A. M. (2014). Influência da publicidade de alimentos sobre a escolha alimentar de crianças e adolescentes de escolas públicas do Distrito Federal. 168 f. Dissertação de Mestrado (Programa de pós graduação em Nutrição Humana) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.:https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16798/1/2014_AnaMariaSpaniol.pdf
- Terrier, S. M. N., & Terrier, J. (2004). Trabalhos científicos e o Estado da Questão: reflexões teórico-metodológicas. *Estudos em Avaliação Educacional*, Ceará, 15(30), jul-dez. <https://doi.org/10.18222/ea153020042148>.
- Ueda, M. H. (2010). O efeito da publicidade de alimentos saudáveis e não saudáveis sobre as escolhas alimentares de crianças. 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Comportamento) -Universidade de Brasília, Brasília, 2010. https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5839/1/2010_MarciaHirokoUeda.pdf.
- Valle, J. M. N. & Euclides, M. P. (2007). A formação dos hábitos alimentares na infância: uma revisão de alguns aspectos abordados na literatura nos últimos dez anos. *Revista APS, Juiz de Fora-MG*, 10(1), 56-65, jan./jun. <https://www.ufjf.br/nates/files/2009/12/Hinfancia.pdf>.
- Vigotsky, L. S. (2007). A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes.